



PRÁTICAS FORMATIVAS COM O CINEMA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

TRAINING PRACTICES WITH CINEMA: AN EXPERIENCE REPORT

Elisiane Reis dos Santos¹

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0305-0762>

E-mail: elisiane.santos22@enova.educacao.ba.gov.br

Resumo

O presente trabalho objetiva abordar, analisar e discutir as significativas experiências, vivências formativas e representativas através da linguagem cinematográfica em distintos espaços circulados e revisitados pela autora, professora e pesquisadora em formação do campo temático em questão. Trata-se, portanto, de um estudo qualitativo através de relato de experiência, tomando como dispositivos metodológicos roda de conversa, oficinas formativas e cineconversa, que muito contribuíram para as reflexões individuais e coletivas acerca da importância do cinema implicado nas práticas educativas e comunitárias no município de Serrolândia, Bahia. Inicialmente o trabalho faz uma abordagem acerca da história do cinema no contexto mundial e nacional e das políticas públicas voltadas para o audiovisual no Brasil. As iniciativas apresentadas resultam em experiências capazes de contribuir para a formação individual e coletiva dos sujeitos/as, com práticas pedagógicas transformadoras e mobilização comunitária.

Palavras-chave: Cinema. Práticas Formativas. Experiências. Comunidade.

Abstract

The present work aims to analyze and discuss the significant formative and representative experiences through cinematographic language in different spaces circulated and revisited by the author, teacher and researcher in training that discusses this. This is, therefore, a qualitative study through an experience report, using conversation circles, training workshops and cineconversation as methodological devices, which greatly contributed to individual and collective reflections on the importance of cinema involved in educational and community practices in Serrolândia, Bahia, Brazil. Initially, the work takes an approach to the history of cinema in the global and national context and public policies aimed at audiovisual in Brazil. The initiatives presented result in experiences capable of contributing to the individual and collective training of subjects, with transformative pedagogical practices and community mobilization.

Keywords: Cinema. Training Practices. Community.

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata-se de um Relato de Experiência, não como único relato como convencionalmente é apresentado esse tipo de trabalho, mas constitui-se de várias experiências vividas pela autora ao longo de sua formação. No entanto, esses fragmentos se

¹ Mestra em Educação e Diversidade pelo Departamento de Ciências Humanas da Universidade do Estado da Bahia (UNEB)

unem por meio de um fio condutor que é a linguagem cinematográfica. Trata-se de um estudo qualitativo. De acordo com Bogdan e Biklen, (2010) o processo qualitativo reflete uma espécie de diálogo entre os sujeitos a partir da compreensão de que as pessoas constroem significados a partir suas experiências humanas. Neste sentido, os/as pesquisadores/as se interessam mais pelos processos do que simplesmente pelos resultados ou produtos.

Este relato de experiências toma como dispositivos metodológicos a roda de conversa, oficinas formativas e redes colaborativas, como espaços formativos de aprendizagens, pelos quais desvelam e atravessam as experiências e vivências formativas da autora, enquanto professora e pesquisadora do campo de conhecimento em questão, e através da teoria tripolar da formação humana que envolve: auto, hetero e ecoformação, (PINEAU, 2014).

O cinema, desde sua invenção no século XIX, ocupa uma função central nos espaços e convívios sociais. A sua invenção tendo como inspiração as Lanternas Mágicas chinesas, espécie de parente de projetor de slides, uma caixa à prova de luz, com uma vela acesa dentro, que projetava sombras, silhuetas e pequenos desenhos, como bem descreve (SABADIN, 2018 p.14), é, sem dúvida, uma das mais belas descobertas da humanidade. Há dois séculos, o cinema se revela como uma arte potencial dotada de magia e tecnologia, sensações e emoções que nos provocam o sentido, nos aguçam a curiosidade, nos despertam sentimentos e nos leva do real para o imaginário e do imaginário para o real, esta capacidade de representar a arte através da vida e a vida através da arte, pelo cinema, sacramenta a sua criação.

No decorrer do tempo o cinema passa por mudanças significativas nos aspectos técnicos e estéticos, como a passagem do filme “mudo” para o “sonoro”, do “preto e branco” para o “colorido” e mais recentemente as experiências com as projeções em 3D e as atuais produções através de Inteligência Artificial.

Dada sua relevância social, importa destacar que o cinema assim como outros veículos de comunicação atendeu aos interesses da burguesia, sendo estes os primeiros a terem acesso aos meios, além de financiar a indústria cinematográfica e manter a sua hegemonia na produção e veiculação deste produto cultural que é o cinema até a atualidade.

No Brasil, o cinema busca espaço e destaque no mundo, no entanto, as produções reproduzem mesmos traços e estilos do cinema hollywoodiano e, só mais tarde, o movimento “Cinema Novo” encabeçado por Glauber Rocha coloca o cinema brasileiro em debate, no conturbado cenário da ditadura militar, que jamais permitiria o lema que atravessava o movimento cinemanovista “uma ideia na cabeça e uma câmera na mão”, de modo que propor filmes que despertasse o pensamento crítico e político seria inviabilizado pelo poder militar instaurado. (SABADIN, 2018 p.131).

Apesar das dificuldades enfrentadas e polêmicas produzidas à época, de acordo com Silva, (2016), o Cinema Novo anunciavam o desejo de criar um movimento coletivo a favor de uma forma de expressão estética e cultural. Para Glauber o cinema podia ser um meio de transmissão de ideias políticas e sociais. As ideias disseminadas no movimento ainda hoje servem de inspiração para os novos movimentos e coletivos de luta a favor da democratização do cinema que ainda é privilégio de poucos, pelo menos, no modelo convencional idealizado e vendido pelo mercado.

Portanto, neste artigo, nos propomos a compartilhar experiências diversas que utilizam a linguagem cinematográfica como espaço para práticas formativas, educativas, de resistência e valorização cultural. O cinema implicado, que atravessa as vivências comunitárias e traduz afetos, memórias, história e diversidade de um povo, de um lugar, que se eternizam nas telas do cinema produzido para e com a comunidade, o também chamado cinema implicado.

AS POLÍTICAS DE INCENTIVO A PRODUÇÃO AUDIOVISUAL E CINEMATOGRÁFICA NO BRASIL

Como destacado neste artigo, o cinema passou por diversas mudanças desde sua invenção. No Brasil fazer cinema ainda é custoso, e o acesso as salas de cinema ainda não é privilégio para grande maioria, principalmente aos que moram nas cidades interioranas país a fora. As políticas públicas pensadas para o setor do audiovisual e cinema ainda concentra e atende aos interesses do mercado e prioriza algumas regiões do país, conforme destaca Moreira, (2018), o Fundo Setorial do Audiovisual da Ancine², os quais representam o maior incentivo do setor no país, continuam altamente concentrados na região Sudeste. (p.191). Apesar do cenário negativo, a produção cinematográfica vem ganhando força em outras regiões, como a exemplo da região do Nordeste, que nas últimas duas décadas de retomada do cinema nacional tem sido representado nas grandes telas através de belíssimas produções do cinema nacional.

A criação de leis e a tentativa de implementação de políticas públicas de incentivo ao audiovisual através do governo tem contribuído para mudanças neste setor, assim como para grupos e movimentos que produzem cinema de baixo custo dentro de uma perspectiva comunitária. Apesar de não ser o ideal, tais iniciativas têm proporcionado a criação de projetos

² Criada em 2001 pela Medida Provisória 2228-1, a ANCINE – Agência Nacional do Cinema é uma agência reguladora que tem como atribuições o fomento, a regulação e a fiscalização do mercado do cinema e do audiovisual no Brasil. Disponível: <https://antigo.ancine.gov.br/pt-br/ancine/apresentacao>. Acesso: 21/09/2023.

e incentivado produções locais, como é o caso do Programa Mais Cultura³, o qual mobilizou redes de Pontos de Cultura e outras ações em todo país. De acordo com Moreira, (2018):

Esses pontos de conexão cultural, dedicados à promoção tanto da memória da cultura popular quanto da produção tecnológica em linguagens como o audiovisual, contribuíram para popularização das políticas do setor e inversão da lógica verticalizada. As promessas de uma gestão mais horizontal permitiram a participação de povos historicamente excluídos como indígenas, negros, jovens e mulheres na definição de diretrizes, metas e ações por meio das Conferências de Cultura. Nesses espaços, se definiram as prioridades para o setor, a partir das demandas dos próprios atores. (p.153).

A criação dos cineclubes viabilizados pelos pontos de cultura abriu espaço para a projeção de filmes em pequenas salas de cinema, ao mesmo tempo, lançou mão para as criações e produções de filmes locais que se destacaram nas telas desses espaços, de modo a valorizar os/as invisibilizados/as que assumem o protagonismo da cena e se reconhecem como verdadeiros atores e atrizes de suas próprias histórias.

Nos últimos quatro anos, no entanto, houve uma baixa no setor cultural do país em detrimento dos poucos investimentos e incentivos por parte do governo federal, de modo que o setor foi totalmente agravado com a disseminação de *fake news* acerca do valor da cultura, incluindo a produção audiovisual e cinematográfica em todo país. Para agravar mais ainda a situação, a pandemia do novo coronavírus trouxe prejuízos irreparáveis com o fechamento de salas de espaços culturais, o que acarretou a falta de emprego e renda para os profissionais, principalmente aos pequenos grupos que viviam exclusivamente da arte. Tal situação, mobilizou o setor e os movimentos sociais a buscarem alternativas de sobrevivência e auxílio do poder público, de modo que a criação de um auxílio emergencial e o incentivo financeiro para produções através da lei nº 14.399/2022 de fomento à cultura conhecida como Lei Aldir Blanc, após muitas batalhas. Mais recentemente foi aprovada a Lei Paulo Gustavo de incentivo à cultura, nos mesmos moldes da Lei Aldir Blanc, porém com foco no audiovisual.

No período referido, a produção de *lives* se tornou a ferramenta mais utilizada pelo setor cultural e voltou a movimentar o setor audiovisual de forma a atender as especificidades que o momento exigia.

³ Criado em 2004, o Programa Cultura Viva tem como base a parceria da União, Estados, Distrito Federal e Municípios com a sociedade civil, no campo da Cultura. Sua principal ação são os Pontos de Cultura, que se configuram como entidades, grupos ou coletivos com atuação comprovada na área cultural, selecionados por meio de Edital do Programa Cultura Viva, de responsabilidade do Ministério da Cultura (MinC). Disponível: <http://www.cultura.ba.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=59>. Acesso: em 21 de set. 2023.

Portanto, as políticas públicas de incentivo ao audiovisual no Brasil criadas, recriadas e inovadas ao longo do tempo, não contempla de forma efetiva a necessidade dos movimentos, grupos e coletivos que discutem o audiovisual numa perspectiva não mercadológica, mas comunitária, diversa, incluyente. Estes grupos estão espalhados por todo Brasil e somam as mais diferentes práticas e experiências com o cinema nas suas respectivas comunidades.

O CINECLUBE “SERROTE EM DEBATE”

O projeto de Cineclube implementando através da política nacional de incentivo à cultura por meio do Programa Federal “Cine Mais Cultura”, objetivava a abertura de espaços para exibição de filmes com equipamento de projeção digital, obras brasileiras, em DVD, do catálogo da Programadora Brasil, visando democratizar o acesso à cinematografia nacional e apoiar a difusão da produção audiovisual brasileira por meio da exibição não comercial de filmes, e passar a ocupar espaços nas cidades do interior do Brasil, como no caso do município de Serrolândia, Bahia, que fez adesão ao projeto através da Associação Serrote Educativa⁴ em parceria com o Departamento Municipal de Cultura, em que culminou com a criação do Cine Serrote em Debate em meados do ano de 2010.

O Cine Serrote realizava a exibição de filmes de forma gratuita uma vez por semana, e oportunizava a promoção de debate entre convidados e os participantes da sessão de cinema. O projeto era desenvolvido por uma equipe formada entre membros da Associação Serrote Educativa (ASE) e do Departamento Municipal de Cultura, que se reuniam para elaboração do planejamento para escolha dos filmes e divulgação. Como membro da ASE, participei da concepção e execução do projeto durante anos, o que me oportunizou compreender melhor a linguagem cinematográfica como espaço de reflexão crítica, de mudança de atitude e de tomada de decisões, sobretudo relacionadas as questões que afetam a vida em comunidade.

O primeiro filme exibido no Cine Serrote foi “Tapete Vermelho” de Mazzaropi, com direito a casa cheia, a estreia do projeto movimentou a cidade e inaugurou um novo tempo a partir da a experiência com o audiovisual. Na sala de exibição, contudo, foi possível observar os olhares atentos, os risos, o choro, a inquietude, a cada cena passada. São momentos como esse que dão sentido e valor as nossas práticas construídas com e na coletividade.

O cineclube aproxima a comunidade a arte cinematográfica, uma vez que o cinema convencional, mercadológico se concentrou nos grandes centros urbanos. Para se ter uma ideia,

⁴ A Associação Serrote Educativa, é uma entidade sem fins lucrativos, fundada em 1995 no município de Serrolândia, é mantenedora da Rádio Comunitária Serrote FM, 105,9 e do Cine Serrote em Debate.

o acesso a sala de cinema por parte da microrregião de Serrolândia fica a mais de 200km, sendo as cidades de Feira de Santana, na Bahia e Petrolina em Pernambuco as mais próximas.

De acordo com Moreira, (2018):

A distribuição regionalizada é inclusive um dos grandes problemas na fixação da produção no semiárido. Isso se reflete na precariedade do acesso ao cinema nos sertões conforme dados da Ancine. Em 2010, Bahia e Piauí, junto com o Acre, eram as piores posições no ranking da quantidade de salas de cinema por habitante, com uma sala para mais de 150 mil pessoas. A média nacional é de 65 mil pessoas por sala. Esse cenário segue uma tendência de concentração nacional em que apenas 383 dos 5.570 municípios do Brasil (6,9%) têm uma sala de projeção. Desses, 64,1% se concentram em cidades com mais de 500 mil habitantes. Sem registros específicos sobre o semiárido, não é difícil projetar que a região figura entra as mais afetadas pela falta de acesso ao cinema. Com dados de 2016, estima-se que a média no semiárido de acesso a uma sala de cinema é superior a 230 mil pessoas. (p.195).

Os dados apresentados são impactantes, e passados pouco mais de uma década pouca coisa mudou neste sentido, a não ser pelos projetos de incentivo às pequenas produções cinematográficas que, apesar do incentivo financeiro para a promoção do projeto, muitos cines tiveram suas atividades interrompidas devido a pandemia, inclusive o projeto em questão, de modo que a aprovação da Lei Paulo Gustavo, surge como uma alternativa para retomada desse tipo de projeto.

O cineclube, além de trazer uma importância cultural para comunidade, se torna um equipamento diferente, por possibilitar o debate com a comunidade, neste espaço, não apenas se consome imagem, mas é possível problematizá-las e confrontá-la com o contexto local, com as experiências comunitárias através das produções locais e na invenção de novas propostas como no caso do projeto “O Cinema Vai à Escola”, criado a partir da experiência com o Cine Serrote, mas que tinha como proposta a projeção dos filmes em salas específicas nas unidades escolares públicas municipais, a fim de promover debates que despertassem entre estudantes, professores e demais profissionais o pensamento crítico e práticas pedagógicas que viesse transformar o cotidiano escolar através da linguagem do cinema.

Neste sentido, o projeto despertou a possibilidade de criação de salas de vídeo nas escolas municipais, que foram incorporadas ao item 8.6.3 dos Objetivos e Metas do Plano Municipal de Educação em que prevê a implantação de *salas audiovisuais nas Unidades de Ensino a partir do primeiro ano do PME*. (p.124).

Além disso, a Lei nº 13.006/2014, alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e traz na sua redação a seguinte inscrição: “a exibição de filmes de produção

nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo, duas horas mensais”.

Todos esses cenários apontam para a importância da arte cinematográfica, sobretudo no espaço educativo, quando o filme passa a ser não só um instrumento pedagógico, mas uma das possibilidades de (des)construção de conhecimento de forma diversificada.

O PROJETO (PROVE) NA REDE ESTADUAL DE ENSINO DA BAHIA

A Rede Estadual de Ensino através dos chamados projetos estruturantes desenvolvidos nas unidades escolares, proporciona aos estudantes a oportunidade de produção audiovisual por meio da Produção de Vídeos Estudantis (PROVE). Apesar da nomenclatura, o projeto não se restringe a produção de um vídeo comum, mas os estudantes se envolvem com a discussão e escolha de uma temática, produção de roteiro e criação de enredos, de acordo como o Caderno Orientador Programas e Projetos Estruturantes Artísticos e Culturais, Possibilidades, Criações e Caminhos para um Novo Mundo, elaborado pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia, neste ano de 2023,

Os Projetos Estruturantes, contribui para maior efetivação do ensino e vivência de práticas artísticas como forma de diversificação e inovação de práticas escolares e pedagógicas, estimula e desenvolve experiências em políticas culturais com os/as estudantes mediante a realização dos projetos de natureza educativa, artística e cultural nas distintas linguagens: científicas, artísticas (literatura, música, arte visual, cinema, patrimônio, dança e teatro), esportivas e culturais (p.06).

Além do PROVE, os projetos Festival Anual da Canção Estudantil (FACE) Artes Visuais Estudantis (AVE) Tempos de Arte Literária (TAL) Educação Patrimonial e Artística (EPA) Encontro de Canto Coral Estudantil (ENCANTE) Dança Estudantil (DANCE) Festival Estudantil de Teatro (FESTE), fazem parte da proposta da política de incentivo a arte e cultura da Secretaria Estadual de Educação no chão das escolas nos respectivos Territórios de Identidade do Estado da Bahia.

O projeto de Produção de Vídeos Estudantis (PROVE), de acordo como propõe a Secretaria de Educação baiana, é uma forma educativa, artística e cultural, além disso, incentiva as aprendizagens múltiplas e os processos criativos por meio da experiência artística/fílmica realizada com a utilização dos recursos tecnológicos, tais como: aparelhos celulares, câmeras fotográficas ou filmadoras. No entanto, na prática, a realização dos projetos estruturantes são marcados por muita dificuldade, sobretudo financeira, o que limita o acesso a alguns

equipamentos pelos estudantes. Atualmente, como professora temporária da referida Rede de Ensino, desenvolvo as oficinas do PROVE com aos estudantes utilizando como principal ferramenta os aparelhos celulares dos próprios estudantes.

Apesar de tais dificuldades, reconheço o valor do projeto a partir das aprendizagens e trocas realizadas entre professores que neste caso assumem também a função de mediadores das oficinas e dos estudantes que trazem seus anseios, suas histórias e experiências para o espaço escolar. As oficinas têm se revelado um espaço criativo de trocas com o estudantes, e por meio das “cineconversas”, as reflexões colaboram para a elaboração de roteiro e as atividades em campo para captação de imagens e sons, possibilitando descobertas que posteriormente viram enredos para diferentes filmes, é o ato de ver, refletir e criar a partir da linguagem cinematográfica, de modo que a ideia do filme apenas como instrumento pedagógico fica cada vez mais distante do ambiente escolar.

O cinema está presente na educação desde há muito tempo e sua apropriação no ambiente educacional tem historicidade, implicando diferentes formas de falarmos sobre os filmes que vemos e como vemos as imagens que o cinema cria para falar do mundo. (MEDEIROS, 2016, p.51).

Corroborando com o pensamento de Medeiros, a linguagem cinematográfica na escola permite refletir o mundo por meio das imagens, mas não só o mundo distanciado, mas as realidades vividas pelos próprios estudantes, que também se propõe a mostrar suas próprias histórias com um celular na mão e ideias na cabeça. São portanto, os novo atores, atrizes, autores e autoras, os cineastas dos novos tempos, da nova escola, e talvez, seja esse o maior valor que projetos como o PROVE, mesmo com as dificuldades apontadas, representam para o Ensino, a possibilidade de formar e reconhecer os tantos, os surpreendentes e os novos talentos dentro das escolas baianas.

REDES COLABORATIVAS DE APRENDIZAGENS

Redes colaborativas são espaços de trocas de conhecimento, experiência, escuta e de produção colaborativa. As novas tecnologias criam espaços variados que possibilitam a difusão de conhecimentos em redes educativas e novas formas de produzir/criar/reconhecer/trocar conhecimentos e significações. (CALDAS e ALVES 2014). Através das redes, as experiências vão circulando e se (re)inventando a partir de novos pensamentos e colaborações de tantos outro conhecimentos que permeiam a vida em sociedade.

ESPAÇO LIVRE AUDIOVISUAL –ELA

O Espaço Livre Audiovisual, ELA, é um coletivo feminino que atua na produção de audiovisual na Chapada Diamantina, uma rede colaborativa cujo trabalho é oferecer de forma gratuita cursos sobre a produção audiovisual com foco para mulheres, jovens, principalmente da roça e das comunidades quilombolas, ribeirinhas e indígenas e de modo geral para todas as pessoas que se interessam pela produção audiovisual.

Em 2020 quando nossa expectativa de vida estava sob ameaça como o novo coronavírus, fui acolhida pelo coletivo, e durante 06 meses (seis) tive a oportunidade de conhecer o maravilhoso trabalho que o grupo desenvolve, e como fazem do audiovisual instrumento de luta e resistência. Através da turma Ancestralidade, pude melhor compreender os passos para a produção audiovisual, as oficinas no formato virtual, contribuiu efetivamente para o aprimoramento do conhecimento acerca do tema e possibilitou a criação e produção de curta metragem como produto final da formação.

Foi também através da ELA que avancei no propósito de ingressar no curso de mestrado com a proposta de pesquisa voltada para a discussão do cinema para/com a diversidade, na perspectiva comunitária e escolar. Através da criação de um documentário como produto final do curso promovido pela ELA, tive a oportunidade de realizar a aproximação do campo da pesquisa com a exibição do curta na própria comunidade onde foi rodado e ouvir e discutir com a comunidade o que o filme representava para ela naquele momento. Foi uma experiência engrandecedora por poder proporcionar a comunidade a conhecer aspectos da cultura que até então eram desconhecidos, preservar os relatos e memórias, escutar a comunidade e compreender como a arte cinematográfica pode contribuir para o debate acerca das pautas comunitárias.

O coletivo ELA, busca por meio de cursos livres e gratuitos de formação colaborar e incentivar a produção audiovisual com recursos digitais disponíveis e de baixo custo. O grupo tem vários colaboradores/as, parcerias como por exemplo a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Campus de Seabra. Através dos cursos ofertados, já forma produzidos em média 70 curtas metragem, todos disponíveis no site do coletivo através do TV ELA.

No cinema, por muito tempo, a mulher era vista apenas como personagem de filme, muitas vezes marcado pela apelação sexual ou espetacularização do corpo feminino, assim, o silenciamento sobre o papel que as mulheres desenvolveram desde a descoberta da linguagem cinematográfica, na ocupação de diferentes funções, contribuiu de tal forma para o reforço de estereótipos sobre o “lugar da mulher” no campo do audiovisual.

No artigo “As Ruidosas Mulheres do Cinema Silencioso”, Flávia Cesarino historiciza a participação das mulheres que começam a sair das sombras e vão sendo lentamente (re)descobertas por terem atuação em ampla atividade neste campo como roteiristas, produtoras, operadoras de câmeras, donas de estúdio, montadoras, argumentistas etc.

De acordo com COSTA, (2019),

Hoje sabemos que, nas duas primeiras décadas do cinema, as atividades de produção e exibição de filmes eram irregulares, desregulamentadas, e flexíveis, o que de certa forma permitiu que, em diversos lugares do mundo, mulheres pudessem experimentar e inventar em funções que inúmeras vezes se resumiam a simplesmente atuar em frente às câmeras e que não estavam definidas como masculinas. (p.20).

Assim, apesar do silenciamento quanto à participação feminina no cinema, as mulheres seguem ocupando os espaços e fazendo a diferença, como no caso de grupos como o coletivo ELA, que traz na sua essência o compromisso de trazer as mulheres para o centro da discussão e produção da arte cinematográfica na Chapada Diamantina, mas que alcança tantas outras mulheres dos territórios da Bahia e em outras partes do país. A luta pela diversidade, o empoderamento das comunidades tradicionais e a formação pela autonomia e transformação comunitária é um dos pontos fortes que traduz o significado do coletivo para a comunidade.

O GRUPO DE PESQUISA CURRÍCULOS COTIDIANOS, REDES EDUCATIVAS, IMAGENS E SONS

O Grupo de Pesquisa “Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons” sob coordenação da renomada professora e pesquisadora Nilda Alves, trata-se de um grupo que discute currículo e cotidiano. A metodologia do grupo consiste na disponibilização de um filme e um texto para que os participantes possam assistir e ler antecipadamente e compartilhar suas histórias, experiências a partir das significâncias trazidas pelas imagens e textos e a relação com os cotidianos dos sujeitos/as e suas práticas. A conversa do grupo ocorre uma vez por mês no formato virtual.

De acordo com Alves, (2019),

O que vivemos, hoje, nesses `espaçotempos` está inscrito em cada um dos `prtaticantespensantes` presentes nos cotidianos, nos `espaçotempos` em que eles “fazem suas artes” e “contam suas histórias”, trajetórias de muitas de vidas, e são tecidas redes de muitas relações. (p.136).

Participar deste grupo me proporcionou compartilhar minhas experiências formativas com a linguagem cinematográfica e possibilitou conhecer novas experiências desses tantos “espaçotempos” que tecem `saberessabores`.

As histórias contadas a cada encontro pelos participantes de diferentes partes do Estado da Bahia, reflete o quão importantes são esses espaços formativos e colaborativos, pois, carregados de significâncias tecem nossas práticas e tangenciam mudanças transformadoras nos cotidianos.

De acordo com Macedo, (2014),

Para nós, a formação é um fenômeno experiencial, ou seja, é do âmbito da experiência dos sujeitos e sua construção, edificada por aprendizagens significativas, isto é, movidas por sua capacidade de produzir reflexivamente significantes, ao compreender o mundo, necessitando, ademais, que esta experiência formativa seja valorada. (p.64).

A formação neste sentido, é compreendida como um fenômeno experiencial nas palavras do autor, de modo que podemos compreendê-las como parte integrante e integradora dos sujeitos/as, que vão se transformando e se (re)inventando ao longo da vida, formação não se trata de transmissão de conhecimento mas de trocas de saberes e experiências que permeiam os cotidianos nos mais diversificados “espaçotempos” que como aprendentes forjamos nossas experiências.

RODA DE CONVERSA: O CURTA METRAGEM “MANOEL DE TIOPOMBO E O FORNO VELHO”

A produção do curta metragem “Manoel de Tiopombo e o Forno Velho”⁵ através do coletivo ELA, foi uma das mais significativas experiências com a produção audiovisual, o filme em questão narra as memórias do sr. Manoel acerca do mistério que circundava um antigo forno em propriedade rural de família ainda na sua infância.

A Produção do filme ocorre em um momento em que a comunidade é tomada pela ameaça de exploração mineral, de modo que o filme passa a ser um marco de resistência, tendo em vista que em sua narrativa se demonstra a importância da preservação do patrimônio histórico, cultural e natural daquela comunidade, após descoberta de artefatos possivelmente originários da cultura indígena que provavelmente habitou as terras onde se localiza o “forno velho”.

⁵ Trata de um curta metragem do tipo documentário, produzido e dirigido por Andreza Barreto e Elisiane Reis, através do Coletivo feminino de audiovisual da Chapada Diamantina, ELA, turma Ancestralidade 2021.

Essas reflexões foram realizadas através de uma roda de conversa com a comunidade de Roçadinho, povoado do Município de Serrolândia, interior da Bahia, como proposta de atividade de aproximação e intervenção no campo de pesquisa, através do Mestrado Profissional em Educação e Diversidade (MPED), da Universidade do estado da Bahia (UNEB).

As rodas de conversa, se constituem num significativo espaço de narrativas marcada pela escuta sensível e pelo diálogo com o outro.

Para Pinheiro (2020),

As rodas de conversa são reputadas também por sua potencialidade na produção de narrativas individuais e/ou coletivas. Então, os depoimentos apresentados nas discussões são tomados para sistematização não só com finalidade devolutiva, mas com o fito de elencar conteúdos e sustentar análises sobre inserções sociais, vivências de práticas específicas, experiências subjetivas em dado tema. (p. 04).

Deste modo, elencamos através dos trechos abaixo o que representou o filme exibido na comunidade para seus moradores, participantes da roda de conversa:

eu achei esse filme muito interessante, como eu cresci na roça né, perto, não tão longe, e eu não sabia que havia uma obra dessa né, tão perto né, e achei também muito assim... profundo essa ideia de vocês né, de trazer essa realidade, para o nosso lugar, porque a gente aqui mesmo não conhecia. Então eu gostei desse filme, e, eu na verdade nunca tinha assistido um filme desse jeito né, então eu quero dizer pra vocês que estão de parabéns sobre esse filme”, relatou uma das participantes, reforçado na sequência por outra moradora da localidade, em que diz, *“o diferencial e o mais interessante desse documentário é porque é uma exclusividade do nosso lugar.*

As falas das moradoras traduzem os significados produzidos pelo filme e o valor simbólico para comunidade, que enxergam na produção aspectos da realidade do lugar que até então eram desconhecidos. Talvez, histórias como as narradas no documentário não chegará ao circuito mercadológico do cinema, mas o valor que traz para comunidade é imensurável.

CULTURA EM TELA: O DOCUMENTÁRIO “O SAMBA DE RODA DO GRUPO PINOTE NO SERTÃO DA BAHIA”

O documentário “O Samba de Roda do Grupo Pinote no Sertão da Bahia”, trata-se de uma produção do pesquisador Luciano Xavier, como fruto de sua pesquisa de mestrado. O documentário narra a história, vivência e memória do grupo de samba da cidade de Serrolândia, cidade do interior baiano.

A narrativa apresenta de forma sensível e emocionante os depoimentos dos sambadores como os personagens principais, os protagonistas de uma das manifestações culturais que resiste na comunidade. Dividido em quatro partes, sendo a primeira *“os sambadores do Grupo Pinote”*, em que são apresentados os membros do grupo por eles mesmos, uma forma de valorização das histórias de vida desses homens e de sua relação com o samba. A segunda parte *“o samba de roda em Serrolândia”*, narra a história do grupo desde sua formação até a atualidade. *“Estéticas e performances do samba de roda Grupo Pinote”*, nesta parte, o grupo demonstra a sua atuação na comunidade, as apresentações em datas comemorativas tradicionais, apresenta a *“chula”* um tipo de cantoria popular, o samba. *“Perspectivas e desafios para continuidade do samba em Serrolândia”*, na última parte, os sambadores falam sobre os desafios para continuidade do grupo, uma vez que a maioria já estão idosos, relatam de forma nostálgica e perde de membros do grupo e falam sobre a necessidade de implementação de políticas públicas para manter a tradição, principalmente em espaços escolares.

A pesquisa resultou também na criação de um repositório, em que as letras das chulas, o documentário e outras informações relevantes ficassem armazenadas e acessíveis a toda comunidade. As letras das chulas, podem ser utilizadas na sala de aula de forma transdisciplinar. O trabalho gerou um ganho significativo para o município de Serrolândia, por registrar um dos aspectos culturais que há anos se encontra presente na comunidade, além de eternizar através do filme as cenas, as memórias dos percussores deste movimento que é cultural, mas também artístico.

Portanto, as práticas formativas com o cinema implicado nascem a partir das mais diversas e profundas manifestações da vida de um povo nos seus aspectos tradicionais, regionais, culturais e educativo.

AS SIGNIFICÂNCIAS FORMATIVAS COM O CINEMA

Revisitar os espaços em que atuei e colaborei ao longo da vida me trouxe memórias afetivas e perceptivas em relação a minha formação pessoal e profissional como mulher, professora e pesquisadora em formação. Todas as práticas relatadas neste artigo contribuíram profundamente e significativamente e trouxeram ganhos imprescindíveis para os envolvidos.

A criação do Cine Serrote elevou a cultura e proporcionou entretenimento e lazer para comunidade a época. As produções dos documentários *“Manoel de Tiopombo e o Forno Velho”* e *“O Samba de Roda do Grupo Pinote no Sertão da Bahia”* provocou o debate na comunidade através da roda de conversa e da cineconversa e fortaleceu práticas educativas com a

disponibilização dos filmes para fins pedagógicos. O projeto PROVE possibilita estudantes da Rede Pública Estadual de Ensino o contato com os processos de criação audiovisual e sua posterior produção a partir de enredos criados pelos estudantes sobre suas próprias histórias dentro de seus territórios.

As comunidades colaborativas através dos grupos Espaço livre Audiovisual–ELA e o Grupo de Pesquisa Currículos Cotidianos, Redes Educativas, Imagens e Sons, proporcionam a formação individual e coletiva dos sujeitos e colabora para a realização de práticas inovadoras provocadas sobretudo pela linguagem cinematográfica como elementos formativos e constitutivos dos sujeitos nos processos e itinerâncias percorridos e protagonizados ao longo da sua existência.

Portanto, as experiências revisitadas e compartilhadas demonstram significativamente o modo como a linguagem cinematográfica tece as experiências formativas da autora e suas práticas.

REFERÊNCIAS

ALVES, Nilda. Práticas pedagógicas em imagens e narrativas: memórias de processos didáticos e curriculares para pensar a escola hoje. São Paulo, Cortez, 2019.

BAHIA. Secretaria da Educação. **Caderno Orientador Programas e Projetos Estruturantes Artísticos e Culturais: possibilidades, criações e caminhos para um novo mundo!** Secretaria da Educação do Estado da Bahia. – Salvador: SEC, 2023.

BRASIL. **Lei nº 13.006 de 26 de junho de 2014.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13006.htm Brasília, 2021. Acesso em: mai. 2021.

BOGDAN, Robert C. BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação uma introdução à teoria e aos métodos.** Porto editora, Portugal -2010.

CALDAS, A. N., & ALVES, N. **Circulação de ideias em pesquisas com os cotidianos: contatos entre os ‘praticantespensantes’ de currículos na internet.** Revista Teias, Rio de Janeiro 2014. Disponível em: www.revistateias.proped.pro.br . Acesso em 29 de set. 2023.

COSTA, Flávia Cesarino. **As ruidosas mulheres do cinema silencioso.** Mulheres de Cinema (org) Karla Holanda. Rio de Janeiro: Numa 2019.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Atos de currículo formação em atos?: para compreender, entretecer e problematizar currículo e formação.** Ilhéus: Editus, 2014.

MEDEIROS, Sergio Augusto Leal de. **Imagens educativas do cinema.** 1. Ed. Curitiba: Appris, 2016.

MOREIRA, Gislene. **Sertões contemporâneos: rupturas e continuidades no semiárido.** Salvador: Eduneb; Edufba 2018.

PINEAU, Gaston. **A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e ecoformação** in: NÓVOA, Antônio, FINGER, Mathias (org). O método (auto)biográfico e a formação. Trad. Maria Nóvoa. -2.ed.-Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PINHEIRO, Leandro Rogério. **Rodas de conversa e pesquisa: reflexões de uma abordagem etnográfica**. Pro-Posições | Campinas, SP | V. 31 | e20190041 | 2020.

SABADIN, Celso. A história do cinema para quem tem pressa. 1.ed.Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SERROLÂNDIA. **Lei nº 0481/2012**. Institui o Plano Municipal de Educação - PME no Município de Serrolândia/BA e dá outras providências. Disponível em: [Câmara Municipal de Serrolândia/BA \(camaraserrolandia.ba.gov.br\)](http://camaraserrolandia.ba.gov.br) Serrolândia-Bahia, 2012. Acesso em: set 2023.

SILVA, Humberto Pereira da. **Glauber Rocha: cinema, estética e revolução**. Jundiaí, Paco Editorial: 2016.